

O CORREIO

DIRECTOR

Jorge Santos

SEMANARIO MONARCHICO

EDITOR

João de Sá Sotto-Malor Pizarro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua Passos Manoel, 177-1.º-Porto

Composto e impresso na Typographia de A. J. da Silva Teixeira, Sucessor—Officina movida a electricidade—Rua da Canella Velha, 70-1.º—PORTO.

Agente em Paris: Alvaro Pinheiro Chagas—6, Rua Duban
Agencia em Lisboa: Largo de S. Paulo, 12

Proprietario—MARIO ANTUNES LEITÃO

1.º ANNO = N.º 19 = AVULSO 20 REIS

Sabbado, 12 de Abril de 1913

ASSIGNATURAS — Portugal, Ilhas e Colonias: serie de 752 n.ºs, 1,500 reis — Serie de 36 n.ºs, 500 reis. Estrangeiro: (Paizes do União postal)—serie de 52 n.ºs, 15 francos (ou 3,000 reis). Serie de 75 n.ºs, 8 francos (ou 1,600) reis. Brazil: serie de 52 n.ºs, 4,000 reis (moeda brasileira). Sendo a cobrança feita pelo correio, accresce 60 reis para Portugal, Ilhas e Colonias, e 50 centimos (ou 100 reis) para o estrangeiro.

ANNUNCIOS—Na secção de annuncijs 50 reis a linha. Na outros paginas: contracto especial.

El-Rei D. Manuel

Como promettemos, publicamos hoje as palavras com que Annibal Soares precedeu a entrevista que teve com El-Rei e que transcrevemos n'um dos nossos ultimos numeros:

Já lá vae o tempo em que Thiers, lembrando a celebre allusão do polaco Zamoyski a Sigismundo III—o *Rei reina, mas não governa*—pretendia fazer d'ella como que a chave do systema monarchico representativo, no sentido de privar a magistratura regia de toda a collaboração official intelligente e autonoma, na gerencia dos negocios publicos.

Eram os tempos ideologicos do direito constitucional no continente da Europa. Como se sabia d'um cyclo historico em que o poder do Rei tinha sido absorvente e exclusivo, e se entendia agora que esse absolutismo regio fóra a razão e a origem de todos os males sociaes, logo houve quem pensasse, a *contrario sensu*, que abolindo por completo a realleza se faria logicamente a felicidade publica. Estes espiritos simples fóram os verdadeiros antecessores do nosso actual *republicano por principio*, o qual, como se vê, podendo não ser tão detestavel como o *republicano pelo estomago* ou o *republicano pelo figado*, nem por isso deixa d'abonar-se n'um preconceito politico dos mais ingenuos, inconsistentes e pueris.

Em face porém das decepcionantes lições da experiencia republicana na Europa, imaginou-se encontrar para o problema das fórmulas de governo uma solução eclectica, que com um pouco de boa-vontade poderia passar como inspirada no constitucionalismo inglez, e que era a que se traduzia pelo aforismo de Thiers.

Visto que a existencia d'um poder fixo, de transmissão hereditaria, se mostrava util como correção aos excessos e incongruencias a que conduzem os regimens exclusivamente electivos, conservar-se-ia a realleza; mas visto que os abusos do poder real haviam determinado o descrédito do absolutismo, reduziam-se a quasi nada as facultades e attribuições do Rei. Este *reinava, mas não governava*.

Não viram os inventores de tal systema o que havia d'aberrativo n'este insubstituível artificio, pelo qual se cuidava poder crear na constituição politica um *orgão sem função*; nem viram que aquillo que contém de superior e de benéfico o governo monarchico é exactamente essa *função effectiva* da magistratura regia na vida do Estado, o méro facto da existencia d'um cargo decorativo e anodyno, cujo titular se chama Rei. Por isso mesmo, e porque na politica as realidades levam de roldão todas as abstractas e mais ou menos engenhosas combinações dos theoreticos, nunca houve Monarcha digno d'este nome que não tomasse parte d'uma maneira activa no governo do seu paiz—não, evidentemente, para se oppôr á vontade popular, legitimamente representada, mas ao contrario, para collaborar com ella servindo efficaç e diligentemente os in-

teresses nacionaes, n'aquillo que é da sua jurisdicção.

Precisamente por causa do caracter vitalicio da sua magistratura, o Rei encontra-se naturalmente destinado a ser o depositario e, mais do que isso, o defensor dos principios e tradições da politica nacional, tanto interna como externa, no que ella possa ter de fundamental, e de alheio ás divergencias dos partidos e aos seus programmas particu-

licas—do que é exemplo frisantissimo a constante politica externa da casa de Bragança—e por dar aos Reis aptidões inatas de dirigentes e d'administradores, que seria insensato desaproveitar.

Em que pese a certos sabiosecos de meia-tijella anciosos por o serem de tijella cheia, a observação dos factos demonstra—e ainda recentemente um illustre professor portugez o pôz em relevo—que a média da intelligencia e da competencia politica e administrativa nas pessoas das familias reaes é consideravelmente superior á média d'essas mesmas facultades na população europea. Uma rapida rememoração dos nomes e da biographia da maior parte dos Monarchas europens dos ultimos tempos bastaria para tornar patente, não só o papel activo que elles teem desempe-

sem o concurso da intelligencia, da iniciativa e do tacto politico dos seus ultimos soberanos, cuja obra é conhecida e notoria.

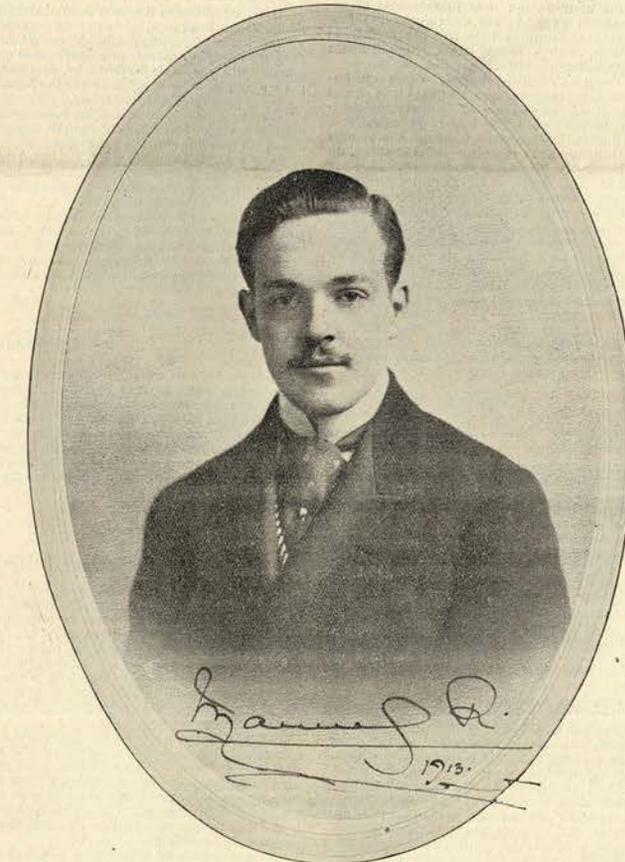
Tudo isto dá á personalidade do Rei moderno—quando elle verdadeiramente quer ser, como o Senhor D. Manuel II, *Rei do seu tempo*—um caracter novo, muito particular, muito interessante e sempre, como é de suppr, inteiramente diverso do que as chronicas, as tradições e as lendas attribuem, provavelmente com uma exactidão apenas mais ou menos approximada, ao soberano absoluto d'antigas eras.

O Tyranno que a commoda e esbaforida eloquencia dos tribunos demagogicos se obstina em representar ainda, segundo as velhas fórmulas, entregue nos recessos mysteriosos do seu paço ás mais negras machinações contra o Terceiro Estado, é por via de regra, n'estes tempos de democratismo, um Príncipe d'habitos simples, empenhado e interessado mais do que ninguem em servir as geraes aspirações e necessidades do seu paiz, desde que a realleza deixon de representar um poder isolado, dotado de vida autonoma, carecendo de submeter os restantes para não ser subjugado por elles, e passou pelo contrario a exercer no Estado uma função correlacionada ás dos outros órgãos de governo.

Veremos adiante em que pensava e de que tratava El-Rei D. Manuel II, no fecundo recolhimento do seu gabinete d'estudo, ao tempo em que uma turba-multa d'ineptos e d'energumens, preparando a calamidade nacional que soffremos n'este momento, se entretinha a ludibriar o seu publico com as promessas mais absurdas e as concepções mais idiotas—tudo isto sem deixar de frisar, n'um tom grave, adutorado e por isso mesmo infinitamente comico, a *inexperencia, a infantilidade, a falta de preparação* do Monarcha que era já então, como o leitor vae poder verificar, um homem de governo de superiores facultades e de penetrantes intuições, e que d'este officio sabia mais a dormir do que sabem, acordados, todos os «estadistas» da Republica.

Hoje, com aquella grave e discreta serenidade que é uma das suas forças, — muito intelligente e muito culto para suppr viavel e duradoira a Republica, excessivamente homem d'espirito para a poder tomar a serio a não ser pelos males temerosos que acarreta á nação, pelos soffrimentos que inflige aos portugezes em geral e especialmente aos mais devotados monarchicos—o Senhor D. Manuel continua calma e regularmente trabalhando na sua profissão de Rei, e em cada hora mais apto a reger notavelmente o seu paiz—como aquelle general atheniense que votado uma vez ao ostracismo, cem dias e cem noites não largou o capacete e o escudo, e sobre a estrangeira praia lacedemonia, figurando na arena problemas estrategicos, esperou imperturbavel a trireme veleira, que a patria acabou por lhe mandar para o repór á frente dos exercitos...

Esta segura confiança do Soberano no termo breve da funesta e, aliás, já virtualmente fallida aventura republi-



lares; é elle quem, unico elemento estavel do governo no movediço mar da politica tal como a fazem os modernos regimens eleitoraes, se encontra em condições de promover e assegurar a continuidade da obra dos estadistas atravez dos variados incessantes incidentes da vida publica. Por outro lado, a hereditariade acaba por fixar essas tradições politicas em tradições dynas-

nado no governo dos seus paizes, mas ainda como essa acção do poder real se exercen da maneira mais benéfica para os respectivos povos;—podendo-se afeitamente assegurar, por exemplo, que nem a Inglaterra, nem a Alemanha, nem a Italia, nem a Hespanha, nem a Belgica, nem, mais recentemente, a Bulgaria, desfructariam as vantagens da sua actual situação interna e externa,

cana — que passou em Portugal com todos os accidentes e perturbações características d'uma doença aguda e portanto ephemera — é mesmo uma das mais interessantes impressões que immediatamente recebem todos que se acercam do Senhor D. Manuel. E não é preciso que S. M. nos queira inculcar essa impressão d'uma forma expressa e propositada: ella resulta natural e simplesmente do tom da conversa, d'um tour de phrase, d'uma palavra soltada do modo mais espontaneo e desprevidido.

De cada vez que os nossos picarecos «homens d'Estado» actuaes perpetram no Terreiro do Paço mais uma tollice assignalada e cheia de consequências, onde ella se sente primeiro não é no paiz, é em Richmond: *«Como havemos nós de remediar isto? Como ha de a Monarchia valer a esta situação, evitar aquelle effeito, conjurar taes e taes perigos?...*» E estes provisórios e frustes governantes republicanos nem imaginam as atribulações que os seus despauteiros mais sensiveis vão determinar no espirito do moço R. i, que, representante legitimo do paiz, e sabendo-se destinado a reassumir mais dia menos dia as funções da sua magistratura suprema, vê por isso mesmo apprehensivo, em cada novo erro e em cada novo dislate do anormal periodo que atravessamos, mais um problema e mais uma preocupação, a juntar ás muitas que há de assorberbar amanhã a actividade dos dirigentes monarchicos.

Por isso tambem, nada mais curioso, e ao mesmo tempo mais intelligente e mais patriótico, do que o trabalho methodico e continuado a que S. M. se entrega como a um dever profissional, seja no estudo attento e pormenorizado da vida politica, economica e social d'aquelle grande povo, que é tão proprio para formar e elucidar governantes, seja no tranquillo remanso da sua residencia d'Abercorn, recolhida para dentro d'uma cerca silenciosa, e debaixo de cujo tecto o Senhor D. Manuel II leva ha dois annos aquella vida simples, patriarcal e laboriosa de fidalgo rural e letrado, que sempre tanto amaram os Principes da sua casa.

Eu chamaria de bom-grado um laboratorio — o laboratorio dos contra-venenos — a sala rectangular onde recentemente, ao ter a honra de ser recebido por El-Rei, pude avistar entre agrupamentos de livros, largos cadernos de papel, cheios de documentos, de calculos, de relatorios, d'annotações, como *«dossiers de repartição, e que representam o resultado d'uma assidua collaboração do Senhor D. Manuel com estadistas e com homens technicos nacionaes e estrangeiros, antes e depois dos successos de 1910, tendo em vista o exame de muitas questões de politica e d'administração em Portugal, desde as mais geraes e instantes até outras que se referem a assumptos d'interesse especial d'uma região, d'uma industria ou d'um determinado ramo dos serviços publicos.*

Possuidor d'uma d'essas raras energias calmas e reflexivas de que os espiritos superficiaes não se apercebem e que aos olhos de muitos passam mesmo por lentidão, mas que operam prodigios, e que são sempre as mais productivas, o Senhor D. Manuel, sem os irreflectidos arrebatamentos d'um impulsivo mas tambem sem os accessos d'estril pessimismo que lhes são correspondentes, tem desde o dia 5 d'outubro de 1910 a certeza de que ha de voltar a ser effectivamente Rei de Portugal; e desde que desembarcou em Inglaterra este joven Principe, que momentaneamente libertado das obrigações officiaes da realzae poderia querer desfructar d'animo leve os encantos da sua mocidade e a proeminencia do seu rang, ainda não teve a bem dizer outras occupações senão aquellas mesmas que o prendiam horas e horas no Paço das Necessidades, estudando as questões publicas do seu Paiz.

No seu exilio de Richmond, o Se-

nhor D. Manuel II continua sendo o mais fiel, mais sobrecarregado e laborioso funcionario do paiz. Isto faz honra ao mesmo tempo ao seu patriotismo, á sua inflexivel força de vontade — e á sua clarividencia politica.

ECHOS

Denuncias

Não desistiu a Companhia dos Phosphoros de dar alento e protecção á tendencia denunciadora de que tem dado provas a sociedade portugueza desde que, redemptor e luminoso, se implantou em terras lusitanas o regimen republicano. Muito pelo contrario, até os seus annuncios prometendo premios... e discricao a quem lhe denuncie os contraveventos dos artigos do seu contracto com o Estado, se tem multiplicado por essa imprensa fôra, em termos de se não poder abrir gazeta em que se não depare logo com o famoso convite á denuncia reles.

Nunca tivemos a ingenuidade de suppôr que a nossa quasi supplica para que a Companhia não viesse com os seus annuncios mais apressar ainda a fallencia repugnante de uma sociedade, já tão aviltada, fosse atendida, e não nos surpreendeu, pois, que tal não succedesse.

Mas isso não impede que novamente accentuemos quanto é deploravel que todos estejam concorrendo para que mais se abaixe e mais se deprima um povo que entre as suas antigas boas qualidades tinha a de possuir uma invencivel repugnancia pela espionagem e pela denuncia.

Já aqui por duas ou tres vezes fizemos referencia detalhada, e sem que nos nossos illustres collegas do Sagrado Tribunal da Vergonha encontrassemos o menor echo, á impugnação exercida por um capião de infançomia medico, ambos estes casos singularmente agravados por circunstancias varias.

Costuma-se dizer muitas vezes na imprensa portugueza que as faltas que se vão succedendo são *«signaes dos tempos e indicadores de que os fados se hão de cumprir.*

Signal dos tempos é tambem, não apenas a transformação em pifios denunciadores, de officiaes e de pessoas pertencentes ás classes culitas, mas ainda, e talvez muito principalmente, a denuncia feita por um conhecido medico, ambos estes casos singularmente agravados por circunstancias varias.

Q'ual outro erro nem mais nem menos que o nosso amigo Banana.

Contra a imprensa

Queixam-se alguns jornaes da perseguição contra a imprensa e nós proprios protestamos já contra violencias de que foram victimas algumas folhas que desassombadamente estavam mostrando ao paiz o que eram o regimen que nos governa e os homens que o defendem.

Mas em boa verdade o facto é que os tempos vão de molde a que basta para a propaganda contra a Republica que se publiquem os jornaes retintamente republicanos.

A imprensa adversa ao regimen nunca soube, felizmente, usar dos processos de que usa a imprensa republicana, nem nas suas campanhas se foi jamais tão violento e tão vivo, como são habitualmente as gazetas defensoras do regimen.

Ora desde que estas estão dizendo umas ás outras e a respeito dos republicanos pertencentes aos partidos contrarios as mais amargas e cruas verdades e fazendo revelações que a imprensa adversa ao regimen, por um natural escrúpulo do processos jamais seria capaz de trazer a publico, evidente é que a supressão dos jornaes catholicos e monarchicos não é cousa que grandemente prejudica a campanha contra o regimen, pois a sua falta é vantajosamente supprida... pelos proprios jornaes republicanos.

Edizemos vantajosamente, porque sósinhos em campo os jornaes repubblicanos pertencentes aos partidos contrarios as mais amargas e cruas verdades que a imprensa adversa ao regimen, por um natural escrúpulo do processos jamais seria capaz de trazer a publico, evidente é que a supressão dos jornaes catholicos e monarchicos não é cousa que grandemente prejudica a campanha contra o regimen, pois a sua falta é vantajosamente supprida... pelos proprios jornaes republicanos.

Um exemplo recente dá a justa demonstração do que dizemos.

O sr. Theophilo Braga desabafou ha dias contra a diplomacia republicana, e avistandose-se com um redactor do nosso illustre collegado *«Dia, a elle disse taes cousas de um dos nossos famosos diplomatas, que aquelle jornalista entendeu, e em nossa opinião entendeu muito bem, que não devia trazer para publi-*

co o que n'esse ponto ouvia, tão escabrosas e tão graves se lhe figuraram as palavras do primeiro presidente da Republica Portuguesa.

Ora estivesse supprimido o *«Dia, tivesse já desaparecido a Nação, tivesse o nosso modesto semanario cahido já ao golpe tremendo d'uma supressão e tivessem sido suspensos todos os jornaes adversos ao regimen, o sr. Theophilo Braga, que não tem fígado para suportar sem prompto allivio grandes carregações de bilis, teria logo desabafado no seio de algum jornalista republicano, o qual, fulto de escrúpulos como todos os jornalistas do regimen, se apressaria a contar tim-tim por tim-tim tudo quanto lhe tivesse dito o famoso pensador, por mais escabrosas e por mais escandalosas que tivessem sido as suas revelações.*

Estave com sorte o diplomata de quem o sr. Theophilo Braga disse taes cousas, que o *«Dia entendeu, — e repetimos que muito bem, — que lhe não permitia a sua educação nem lhe permitiam os seus processos jornalisticos fazer se echo do que ouvia.*

E provavel porém que algum jornal republicano se encontre para mais tarde ou mais cedo trazer para publico as revelações feitas pelo sr. Theophilo a respeito de um diplomata da Republica, dando a esta mais um golpe que o *«Dia muito bem fez em não vibrar como nós o faríamos tambem, porque ainda continuamos na opinião de que mais vale poupar um adversario do que, para o derrubar, se ir patinhar na lama em que chafurda, sem excepções, a imprensa republicana.*

Ora, concluindo a glosa do mote apresentado, afigura-se-nos não ser dispartada a opinião do que não constitue grande prejuizo para a lucta contra a Republica o desaparecimento de todos nós, jornaes monarchicos, da arena em que, a chapada da lama, se deglutiam todos esses heros da Republica, heros de lama feitos e na lama vivendo.

Ahi! valente!

O sr. conselheiro Antonio José d'Almeida declarou em Bragança, onde o governador civil lhe fez uma partida qualquer, que *«jamais fará perseguições, jámais se vingará, mas que garante allí que ha de desforçar-se, com energia e vigor, de todas as offensas que lhe façam.*

Deixou-se d'isso, Antonio José...

Para uma pessoa se desforçar, com ou sem energia e vigor, é preciso ser-se mais alguma cousa do que um simples paparrêta.

Bem o sabe, Antonio José, e a prova é que só falla em desforçar-se... no futuro, como aquellos negociantes que poem a tableta de que hoje não se fia, amanhã sim.

Deixou-se pois de ameaças ridiculas, e continue a engulir as offensas como até agora, enquanto tiver estomago para isso.

E quando o não tiver retire-se para um convento que ninguém lá irá ter consigo... descansas.

Primeiro logar

Disse o sr. Freitas Ribeiro, ministro e secretario dos negocios de Ambaca, no formado discurso que pronunciou na sessão do Conselho de Lysea da Ilha Nova de Palma, em honra dos batalhões voluntarios, que *«em caso de guerra a marinha e o exercito teriam o primeiro logar.*

O caso ao que parece é tão estranho que o sr. Freitas Ribeiro entendeu dever accentualo.

Fez bem.

Carbonaria, a Terrivel

Não fazem mal as musas aos doutores, disse alguma, e que não fez mal a prudencia aos carbonarios, diremos nós, recordando o que ha tempos para ahi se contou do sr. Luz Almeida, chefe da carbonaria, luz baixa e tremula nas festas e luz viva e scintillante nas epistolas, e vendo o que no *«Diario de Noticias se conta d'um carbonario terrivel que em Evora dirigiu um jornal terrivelmente chamado O Carbonario.*

Foi o caso que o terrivel carbonario em questão vinha agredido violentamente na gazeta o sr. Manuel Antonio Braz e em termos taes que o sr. Braz entendeu a certa altura que a melhor resposta aos agravos seria aquella que elle escrevesse a cavallo marinho nas costas carbonarias do carbonario director do *«Carbonario.*

N'esse intuito se dirigiu com a fugitante penna na mão para a porta da Agencia do Banco de Portugal d'aquella cidade, onde o terrivel carbonario é empregado, e do que em seguida se passou interessante conta dá o *«Diario de Noticias nas seguintes linhas:*

«Não fazendo segredo, o sr. Bráz, do premeditado acto, ia-o dizendo a vários que se aglomeravam á porta e cercanias da «Brasserie», para desfrutar a scena.

«O sr. Silvestre Baptista, colega do sr. Aguilhar, no intuito de evitar qualquer consequencia funesta, preveniu-o de que qual quer coisa de anormal se passaria, ao que o sr. Aguilhar não prestou attenção.

«Passando o sr. Aguilhar por deante do sr. Bráz, este empunhando um numero do *«Carbonario, tendo internamente qualquer coi-*

sa mal cheirosa, esfregou-lhe a cara, arguido-o do ultrage que lhe tinha feito.

«Graças á passividade do sr. Aguilhar, não se deram scenas mais desagradaveis, limitando-se este cidaes a limpar o rosto e a assegurar que a responsabilidade de tal sueltto lhe não pertencia, mas sim ao sr. Agripino de Oliveira.

«O caso tem sido largamente comentado por toda a cidade, esperando-se, a todo o momento, scenas mais interessantes, para que seria bom que a autoridade ovesse e lhes puzesse cobro.»

Não percebemos bem para que quer o *«Diario de Noticias* que a auctoridade ponha cobro ás interessantes scenas que, d'aquelle genero, se passam por Evora.

Em nossa opinião antedemos muito pelo contrario que devem deixar que as scenas se repitam e quanto mais vezes melhor.

Afigura-se nos que para muita gente ainda não está sufficientemente esclarecida a situação actual da sociedade portugueza.

Ha talvez ainda quem por esse paiz julgue que carbonarios são creaturas phantasticas, tendo um poder immenso de destruição.

Não faz mal que se vá mostrando com exemplos como o do sr. Luz de vela de cêbo e o do sr. Aguilhar, que são uns poltres e prudentes cidaes todos esses famosos carbonarios perante os quaes, tremulo, se accora o paiz inteiro e que já por vezes tem contido no fundo dos quartes alguns regimentos do audaz exercito luso.

A Entrevista com El-Rei

Sahi com bastantes erros a entrevista com El-Rei que no ultimo numero publicamos e houve n'ella, além de ligeiras alterações de titulos sem importancia de maior, dois saltos de composição typographica que se torna necessario reparar, porque d'um d'elles resulta a omissão de informações necessarias e do outro resulta o não apparecimento de uma referencia justissima por El-Rei feita á sr.^a D. Constança Telles da Gama, a nobilissima senhora ha pouco absolvida no tribunal marcial de Lisboa.

Do primeiro salto de composição resultou não serem os nossos leitores informados pelas palavras com que precediamos a entrevista de que ella não só constituia uma transcripção, como tambem e que nos reservavamos para publicar, n'um dos proximos numeros, as palavras com que Annibal Soares travava magistralmente a figura moral e politica de El-Rei D. Manuel.

As palavras taes como as escreveramos são as seguintes:

«Annibal Soares, o brilhante jornalista que tão poderosamente affirmou o seu notabilissimo talento nas columnas do *«Diario Ilustrado e do Correo da Manhã, e que hoje no exilio, mantendo a nobreza do seu caracter não deixa de mostrar aos ingentos a senda que, vae para tres annos, vimos percorrendo, teve uma interessantissima entrevista com El-Rei D. Manuel, entrevista que com a devida venia transcrevemos, reservando para um dos proximos numeros a transcrição dos periodos em que Annibal Soares travou magistralmente a figura moral e politica de El-Rei D. Manuel. Com verdadeiro prazer transcrevemos essa entrevista que, honrando as nossas columnas, representa — assim o cremos — uma alegria para aquelles que nos lèrem.»*

Como se vê pela parte que sublinhamos não foi pequeno o salto da composição, que assim privou os nossos leitores do conhecimento de que em breve transcreveriamos a primeira parte da entrevista, o que não faziamos no nosso numero de então por desejarmos acompanhar a transcripção d'esses periodos com a publicação do mais recente retrato de El-Rei.

Com estas rectificações fica completo o que escrevemos acerca da transcripção que faziamos e o que, áparte o prologo como dissemos, transcrevemos da interessantesissima entrevista que publicou Annibal Soares.

O Retrato do

Principe Real

D. Luiz Filippe

publicado no nosso numero do dia 1 de Fevereiro, acaba de ser esplendidamente reproduzido em bilhetes postaes, edição de

João Monteiro Pereira

Rua do Loureiro, 72
PORTO

Cada postal 50 reis
Desconto aos revendedores

A Reabilitação Financeira d'um Paiz

Entrevista com Eduardo Lupi

Na noite immediata as mesmas paredes ouviram as mesmas vozes da vespera. Com tremores de emoção e o calor de quem descobriu uma grande verdade, ouviu-se uma voz patriótica declamar:

— Pensei naturalmente, meu caro Lupi, em tudo quanto montei nos disse, e devo dizer-lhe que, sem deixar de apreciar a boa administração, para mim a questão financeira... (e parou a vêr se todos estavam attentos, não fosse perder-se alguma gota preciosa do seu elixir) para mim, a questão financeira está intimamente ligada à agricultura!

— Apoiadissimo! gritou um proprietario do Douro.

— E o commercio? esquece V. Ex.^a o commercio? reclamou outro, socio d'uma casa commercial.

— Não olhem pela industria e verão o tombo que levam! resmungou um industrial.

— Já cá me tardava essa! lamentou-se a voz patriótica. O commercio, a industria, tudo anda intimamente ligado à agricultura. Eu tenho-me occupado de questões sociaes! oh! se os senhores soubessem como eu tenho trabalhado, estudado, profundado! Sou o agricultor, não sou? Pois bem, a sorte do agricultor preoccupa-me de dia e de noite. Não, o proletario rural apenas, mas o proletariado todo, o grande exercito dos trabalhadores, que é cá o meu exercito!

— Vá por ahí que vai bem! exclamou ironicamente o industrial. Melhor tivesse estado das pantais, o senhor e todo o povo portuguez. Devia ensinar-se ás creanças, nas escolas primarias, o proteccionismo, a sagrada causa da industria... e do commercio! Mas não, senhor; tem a mania de que Portugal é um paiz essencialmente agrícola!...

— Não é mania: é que é... a industria...

— Mas...
— Não me interrompa. Já sabe que detesto interrupções. A industria e o commercio representam uma grande força, duas grandes forças, mas olhem que eu também tenho atrás de mim uma grande força, seculos de tradição! Sou a Agricultura, sou a terra natal, sou a Patria. E a prova de que sou a Patria é que eu estou mal, está mal a Patria.

— Está pessima! concordaram todos, satisfeitos em fim de terem encontrado um ensejo ao seu displicente azedume.

— Aquillo vai de garra! disse um.

— Só um pulso de ferro! — asseverou outro.

— E onde está esse pulso, onde está o Messias? Porque aquillo vai mal, que não pôde ir peor, é um facto, não acha sur, Lupi?

Eduardo Lupi, meio abstracto, com o olhar na chamma do fogão de sala, disse:

— «Tinha-se abusado do credito publico. A incessante emissão de títulos da divida publica havia tido o fatal effeito de gradualmente nos desacreditar. Quando nos foi confiado o poder, logo limitamos as despesas publicas e restringimos o expediente do recurso ao credito, abolindo-o por completo pouco depois. Regularisamos eficazmente a circulação fiduciaria. Limpamos a carteira commercial do Banco emissor dos valores duvidosos que n'ella existiam, e, ao mesmo tempo que augmentavamos consideravelmente as reservas auríferas, disciplinavamos a emissão de notas com uma severidade verdadeiramente britannica. E como as classes produtoras e laboriosas seguiram o exemplo dado pelo Estado, pondo-se também a economisar, tanto a fortuna particular como as finanças publicas, sob a protecção de um orçamento sem deficit, começaram a florescer gradualmente. Que tempos passados, enquanto prevalecera uma lassa administração financeira, o curso forçado da moeda, só desaparecia na apparencia, sob o artificio dos empréstimos, mas para voltar a breve trecho e com elle o elevado premio do ouro. A severidade do systema financeiro que adoptamos, ligada ao principio de se não contraírem novas dividas, não só consolidaram o equilibrio do orçamento mas, mais do que isso, resultaram na accumulção, durante dez annos, de uma serie de saldos positivos. Ao mesmo tempo que isto se dava, subia, naturalmente e sem o emprego de quaesquer artificios, a cotação das inscripções—até ao ponto de exceder a paridade.

«Desapareceu o agio e ha bastantes annos já que as nossas notas bancarias, a despeito de não serem pagaveis em ouro, valem mais do que as da Alemanha, da Franca e da propria Inglaterra, onde, como é sabido, todas são convertiveis n'esse metal; este facto, na apparencia paradoxal, é devido à circumstancia de o cambio estrangeiro se conservar constantemente em favor do nosso paiz.»

Os circumstantes olhavam assombrados Eduardo Lupi. Um commentou ao ouvido do que estava ao lado:

— Se não soubesse que era o Lupi, havia de dizer que era republicano! Pelo falar...

O outro, muito intrigado, fez-lhe signal que queria ouvir.

E Eduardo Lupi continuava lenta, serenamente:

«O «affidavit» para a divida externa foi abolida e em consequencia d'esta acertada medida de politica financeira, conseguimos converter essa divida da taxa de juro de 4% a de 3½%, a qual, cinco annos mais tarde, ainda pudemos reduzir a 3½% por cento; e fez-se isto continuando os títulos acima de par, conservando-se o cambio em favor do paiz, florescendo a agricultura e as industrias, augmentando de anno para anno as fontes de receita do thesouro. Realizada a conversão, por completo sustado o expediente de novas emissões, o pé de meia nacional começou a absorver a divida collocada no estrangeiro e, gradualmente, até a Franca onde muita d'ella se achava, vendeu por elevado preço os títulos que havia comprado por baixas cotações. Esses títulos foram adquiridos, com o caracter de capitalisação permanente, por milhares de concidadãos da classe média que não especulam e que tem fé na solidez da situação do Estado. Devido ao universal encarecimento das substancias alimenticias, a industria agricola tornou-se muito remuneradora e o seu desenvolvimento contribue em grande parte para o crescente bem-estar dos trabalhadores ruraes e dos proprietarios de terras, classes predominantes na vida economica da nação.»

— Está completamente doído! segredou-nos um dos mais inquietos.

Eduardo Lupi, percebendo perfeitamente a impressão que estava causando, proseguiu indifferente, e como que absorto n'uma visão.

«O Achamento-nos agora com um orçamento solidamente estabelecido e com importantes saldos annuaes em os quaes temos resgatado as dividas do thesouro representativas dos deficits anteriores. O ministro da Fazenda está, de facto, pondo dinheiro ao canto da gaveta e acha-se em situação de poder capitalisar as suas proprias economias! A gente que no estrangeiro nos quer mal, clama, ironicamente, que estes resultados são milagrosos. Não ha milagres em materia de finanças; a situação actual deriva do acerto com que havemos procedido e do grande cuidado com que, nos ultimos vinte annos, os nossos estadistas tem gerido os dinheiros publicos.»

— Mas, o sr. Eduardo Lupi— rompeu o commercante, com pretensões a financeiro — V. Ex.^a está convencido do que acaba de dizer?...

— Convencido estarei, mas a mim é que elle não convence! declarou, preemptorio, o industrial.

O agricultor, de queixo pousado na mão em forquilha, fixava Eduardo Lupi, com o vago sorriso de quem é inaccessivel a lições.

— Mas Eduardo Lupi explicou então?

— Não estou doído, não, senhores. Os perigos que ouviam não foram ditados na allucinação d'um sonho de reconstrução da nacionalidade portugueza. R ferem-se à Italia e li-os n'um recente estudo firmado pelo grande estadista Luigi Suzzati.

— Cante-me d'essas! exclamou o commercante.

— Ah! agora, sim! concedo o industrial.

— O Suzzati? (paiz confirmar-se o agricultor). — Bem sei, E' o meu mestre! Elle ouviu-o muito, temos trocado impressões sobre a doenca financeira portugueza.

Eduardo Lupi exprimiu, então as conclusões:

— Ponto por ponto representam elles também o objectivo concreto e comprehendem o programma definido d'aquelles que, certos da restauração da monarchia em Portugal, se preparam com afincado estudo para trabalhar pelo resurgimento do paiz.

— É que é fazenda da mesma peça! affirmou o commercante.

— Póde bem enxertar-se na nossa vinha! opinou o agricultor.

— E' o mesmo risco! declarou o industrial.

Fechada a valvula das exclamações necessarias à pressão peninsular, Lupi retomou as suas considerações fleugmaticamente:

— Está por instantes a soar, sentimol-o todos, a hora de se metter hombros à tarefa d'esse resurgimento. E' grande a obra, sem duvida, perfeitamente exequível em Portugal como o foi na Italia; bastará, mas será indispensavel, conduzir-a nas linhas geraes tão magistralmente traçadas agora em golpe de vista retrospectivo por Suzzati e as quaes, para não empanarmos o seu brilho, nada ajuntaremos — hoje. A phase de obsessão doutrinarina na politica, pela qual as mentalidades dirigentes nacionaes se haviam transviado durante a primeira maneira do constitucionalismo, demorou-a até agora. Mas essa phase passou, affim — para não mais voltar, seguramente. Só escabujam n'ella, ainda, em ultimos assomos de vandalica destruição,

meia duzia de energumenos inteiramente divorciados do paiz o qual já tirou de duras experiencias o ensinamento que ha de guial-o na estrada larga da sua futura e proxima reconstrução.

— Apoiado! gritaram os tres sentenciosos. O agricultor ergueu os braços, de mãos espalmadas, como se fosse cortar as ondas d'im mar encapellado, e, assegurado o silencio, disse com um ar de mentor e de apostolo, possuido de parabolias ineditas e sublimes:

— O momento é gravissimo, meus senhores! gravissimo! não lhes posso dizer mais nada! (E repetiu, compungido) gravissimo! E' preciso reflectir, methodisar, disciplinar, para, então, traçar um plano.

— Tem o meu voto essas palavras!

— E o meu! exclamaram o commercante e o industrial.

— Hoje é tarde — lembrou o agricultor —, reuniremos outro dia, e já que ninguém trabalha façamos nós o plano!

E, com a satisfação nacional de terem alguma coisa que adiar, separaram-se consciões de que haviam trabalhado muito pela felicidade da Patria, sem mais pensarem na exposição de Eduardo Lupi. Suppondo que haja ou venha a haver algum que pense n'estas coisas, sérias, nós resolvemos dar-lhes publicidade n'esta entrevista.

Joaquim Leitão.

FALLENCIA

O Temps occupava-se ha pouco d'uma obra de Fabian Ware, antigo redactor principal do Morning Post, um dos mais conhecidos collaboradores de Milner na Africa Austral e como tal defensor notorio da ideia imperialista. Essa obra é afinal um commentario da conhecida phrase do liberal Sir Charles Dilke — *Parliamentarism is a failure* — O Parlamentarismo fallia. Quando elle a pronunciava, é certo que poderia ainda parecer paradoxal: hoje é quasi um logar commun.

Vae-se successivamente notando o declinar das ideias dentro das quaes viveu o seculo XIX; liberalismo, parlamentarismo não estão só em decadencia nos diversos estados do Velho Mundo que foram buscar à Gran Bretanha essa panacea contra o absolutismo como contra as Revoluções. E' da propria madre, é do Reino Unido, que hoje provém em grande parte o seu descredito, e não é essa constatação uma das menos curiosas da obra de Ware.

Ha, de facto, um estranho mal-estar no pensar britânico contemporaneo. As grèves geraes à moda franceza succedem-se com ameçadora frequencia. As massas operarias, até agora disciplinadas e racioneadas, atiram-se para a acção directa. O operariado perdeu a confiança e nos antigos methodos de trade-unionismo. Muito menos espera do Parlamento remedio algum aos seus males. Não querem já dar ouvidos aos chefes quando estes recomendam a observação dos contractos, e assim as grèves recentes foram quasi sempre conflagrações espontaneas e geraes, muito mais perigosas até do que em Franca, porque o operariado britânico, com o genio innato da associação, tem ao serviço dos processos revolucionarios uma força singularmente maior do que aquella de que dispõem os meneurs da Confederação Geral do Trabalho.

O que pôde contra este inimigo a machina parlamentar? Ella tornou-se especialmente odiosa, porque não soube até hoje supprir um só dos males de que soffre o operariado, apesar das constantes promessas dos seus representantes, não tomando qualquer resolução, nem chegando ao voto senão sob a pressão immediata e brutal dos acontecimentos, conjurando as crises com remedios d'ocasião, impotentes em entrar no caminho das resoluções positivas.

Ha quem sustente que o perigo é transitorio, que traduz apenas um mal-estar economico proveniente do encarecimento da vida em todos os paizes civilizados. E assim o vasto campo das reformas economicas permitiria naturalmente achar o meio de trazer a massa

operaria a um sentimento mais equitativo. Mas nós não queremos hoje seguir pela analyse d'estes processos. Tiramos apenas o facto positivo do descredito do regimen parlamentar, na Gran Bretanha de Taine, digamos assim para melhor definir o nosso pensamento.

A um tal regimen se chamou, precisamente na escola a que acabamos de fazer referencia, *regimen representativo*. Ora, a nosso vêr, a crise provém sobretudo, e fallamos está claro dos paizes latinos principalmente, de elle não *representar* de facto coisa alguma.

O Parlamento não representa interesses, nem sociaes, nem industriaes, nem nacionaes; representa interesses materiaes de agrupamentos politicos, collecção de interesses individuaes, fundamentados em opiniões individuaes também.

Como se chegou a isto? Pela consequencia natural dos principios revolucionarios em que nos paizes latinos se assentou o direito publico. E podemos até resumir a nossa maneira de pensar dizendo que os males de que soffre o regimen moderno provém apenas do errado conceito que a Revolução deu à *Liberdade*.

E' bem conhecida a phrase de Ruskin acerca do lemma famoso, Liberdade, Igualdade e Fraternidade: *I detest the one, and deny the others*. Detesto a primeira e nego as outras. E sentimos não ter aqui a sua *Crown of thorns* para ir traduzir o commentario que elle faz à palavra Liberdade, dando como typo do que é uma existencia totalmente *livre* e portanto nociva mais ainda do que inútil, a da mosca varejeira. Não queriamos por isto ser erradamente acimados de inimigos da liberdade, quando verdadeira, d'esse prestantissimo bem natural, como a definiu uma Encyclica celebre; em muito mais prezamos porém ser *livres* do que havidos por liberal.

O que é certo é que quando Condorcet redigia o celebre artigo da Declaração dos Direitos do Homem: todos os homens nascem e são livres e eguaes entre si, traduzia n'esse conceito uma das afirmações mais contrarias à verdade da natureza que tem apparecido escriptas.

Já o velho proloquio popular o dizia: «cada um é como Deus o fez». Os constructores da Revolução não o quizeram assim, verdadeiro e real. Imaginaram um ser abstracto, irreal, o *individuo*, e sobre elle carregaram uma serie de theorias que a razão humana regeita.

Mas a Revolução teve em especial ao seu serviço homens peritos na arte de confeccionar a opinião publica, utilisando com rara habilidade palavras sonoras, quasi fatidicas, sem significação precisa, prestando se a todas as interpretações, podendo empregar-se sempre e a proposito de tudo. Não se affirmou no outro dia em publico que o regimen que hoje se soffre em Portugal é o mais livre politica e socialmente? E' porque essas palavras correspondem sempre a uma porção d'ideal que cada um tem em si; representam a formula pela qual cada um traduz esse ideal e se agarra a elle, ás vezes com tanto maior tenacidade quanto mais o vê fugir-lhe. Para os chefes, para os *meneurs*, sobretudo em frente ás massas pouco illustradas que constituem o exercito da demagogia, essas palavras representam um engodo, cujo sabor é completamente outro. Com elles pôde ir-se muito longe, não só porque atrás d'uma vem outra formando uma serie que se prende como os aneis d'uma cadeia, liberdade, progresso, democracia, etc., mas sobretudo porque o sentido que ellas têm para quem as emprega é quasi sempre o contrario do que o julga quem as ouve.

Não ha duvida, repetimos, de que os males da epoca presente provém em principio do errado conceito da liberdade. «Fixada uma vez no espirito esta ideia, de que ninguém tem autoridade sobre outrem, a causa efficiente da sociedade civil deve ser procurada não

n'um principio exterior e superior ao homem, mas na livre vontade de cada qual; o poder publico emana pois da multidão como sua origem primeira. Além d'isto, o que a razão individual é para o individuo, a razão collectiva deve ser-o na collectividade dos negocios publicos, e assim o poder pertencerá ao numero e as maiorias creado a um tempo os direitos e os deveres.» (Encycl. *Libertas*).

E, continua ainda o mesmo Augusto Doutor: «Por um lado os partidarios do liberalismo, arrogam-se a si proprios e ao E-tado uma licença tal, que não ha opinião tão perversa a que não abram passagem, suscitando por outro lado á Igreja obstaculo sobre obstaculo, apertando a sua liberdade nos limites mais estreitos... Attribuindo a um tempo ao Estado um poder despotico e sem limites, proclamam não haver conta alguma em que ter Deus na vida diaria, não querem reconhecer a liberdade honesta de que fallamos, e tudo o que se faz para a conservar é tomado como damno e attentado contra o Estado.»

Sablinhamos esta phrase, pois n'ella propheticamente fixou Leão XIII a doutrina do Estado-Afonso-Costa. Ella revela a contradicção singular entre o conceito da palavra e o uso que d'ella se faz. Não ha tyranno mais odioso do que o apregoador da *liberdade!* Elle tem como ninguém a arte de estrangular, moral e physicamente, quem assume a estranha audacia de pensar por outra forma, ou de fallar em contrario. Creou para seu uso proprio uma verdade e uma virtude, e por essa doentia hypertrophia do eu dissociou-se da sociedade, se assim nos podemos exprimir, rompen com a tradição que une e liga o presente ao passado; subtrahido a qualquer influencia, *livre* de qualquer peia que não o seu capricho, nada lhe resiste, familia, profissão ou Patria. Mas n'esse antagonismo fatal e necessario do individuo *livre* contra a Sociedade, contra a Nação, está também fatal e necessariamente a causa intima e segura da sua ruina final.

Paris, Abril, 1913.

Ayres d'Ornellas.

Promessas e processos

Do alto dos tablados da propaganda, os arautos do republicanism portuguez apregoavam, perante o publico, um monstro horrendo, com o nome de monarchia.

Escandalos de bastidores, vicios do politismo parlamentar, fraquezas d'um ou outro vulto, mais ou menos representativo, — tudo isto muito bem aproveitado, e armado, como se aproveitam e armam sarrafos de madeira de refugio, — e eis o primo esse Grande Cavallo de pau, com o que os Gregos da Democracia vermelha, penetraram na Troia dos seus sonhos de governança.

Fez-se a Republica, e o Grande Cavallo da pau conservaram-n'o em pé. Tendo servido de arlete no combate, passou depois a empregar-se como effigie de criminoso, que se assignala ao Povo, para que o Povo se acautele.

Estratagemas de guerra, ou Mentiras simples, conforme queiram chamar-lhe. Mas estratagemas, ou mentiras, de perniciosas consequências.

Tobacos póderes, ou avariadas, tinha a Monarchia, e tabacos póderes, ou avariadas, tem a Republica, em todos os agrupamentos que actualmente a constituem.

Assim estará certo. Ir mais além, generalizando e totalizando desconhecitos, que só a fracções podem com verdade attribuir-se, representa, a par d'injusticia flagrante, fonte perenne de represalias e revoltas, propria para tornar o Paiz no espelho vivo das antigas republicas sul-americanas, com todos os agravamentos, que a nossa situação especial sem duvida comporta.

As circumstancias, em que se implantou o novo regimen, envolviam certos vicios d'origem, traduzidos a poucos passos na predominancia da corrente demagogica, secretaria e oppressiva.

Lamentaram-n'o decreto os republicanos sinceros, acima, e mais do que ninguém. Estamos plenamente convencidos d'isto.

Passos Manuel, symbolo proclamo das mais puras virtudes democraticas, e do mais acrysolado patriotismo, dizia em 1844, dois annos depois de abandonar as luctas governativas...

«Este fastio, esta indifferença, vieram-me no dia em que o meu proprio partido commetteu um grande erro, e dei francamente um grande crime; foi no dia da persigancia... Desde então considero a revolução como perdida, porque estava deshonrada... e assisti, melancolico, ao seu passamento e ás suas excoquias. Retirei-me da vida publica...»

Passos Manuel! Quantos democraticas d'hoje terão evocado a tua memoria nobilissima em busca de balsamos para a sua a tristeza de desiludidos!

* * *

Ninguém esperava, nem exigia, da joven Republica, que ella, — á semelhança de Moysés obrigando com a sua vara as aguas crystallinas a brotarem de um penedro requeimado, — fizesse surgir de um só golpe, na nossa Patria bem amada, a Elade d'Ouro das Eras do Leite e do Mel, o Novo Paraíso Resurrecção, — ou, em fim, o cumprimento puro e simples d'aquellas celebres Promessas, que, em paralelo com o Grande Cavallo de pau, tão bem caracterizam a sciencia, a consciencia e a sinceridade, das campanhas d'oposição anti-monarchica.

Não. Ninguém pedia milagres d'esse genero, nem mesmo muito menos.

As velhas tradições portuguezas, incluem na base o municipio, como elemento com vida propria, dentro do organicismo nacional, e não emblema engragem passiva de um sistema centralizado.

Quando, e de que modo, demonstrou a Republica a sua intenção de restaurar, nos devidos termos, esses antecedentes liberaes, e o seu desejo de pôr em serviço essa verdadeira Escola primaria d'educação democratica, á falta da qual o funcionamento das novas Instituições não passará nunca d'uma mystificação tão grosseira, como deshonesta?

Dois annos e meio decorridos sem eleições, nem promulgação do Código Administrativo, responderão á pergunta.

E lembrando-nos, ao mesmo tempo, que a lei de Separação da Igreja foi decretada em menos de sete mezes, — logo se forma uma ideia da differença que existe, entre a mercadoria e o pavilhão, — quer dizer, entre as verdadeiras inspirações, e propositos secretarios, da revolução republicana, e os canticos da liberdade, equaldade e fraternidade, para embalar meninos, ou para enganar o Povo, que vai quasi a dar na ruína.

Por outro lado, sendo com effeito o Parlamentarismo o processo traductivo da intervenção popular na diligencia dos Paizes mais cultos e liberaes, succede todavia estar o mesmo Parlamentarismo, por justos motivos d'experiencia, cahindo bastante em descredito, até no seu proprio berço de nascença.

E esses defeitos podem, em certo grau, atenuar-se, chamando, quanto possivel, á colaboração do governo as Associações representativas das grandes interesses nacionaes.

Se invocarmos para a barra dos testemunhos a Agricultura, a Industria, o Commercio, e o Trabalho, portuguezes, elles poderão, se quizerem, dizer, melhor que nós, qual a interpretação que a Republica tem dado a essas normas salutaras.

A cooperação, ao que vemos, não se torna necessaria.

Acontece, no entretanto, que a Dinamarca, por exemplo, com menos de metade da nossa população, e menos de metade da nossa area territorial, exporta quasi o quadruplo do que nós exportamos. D'aqui se concluiria por ventura que, aproveitando melhor as nossas gentes, e os nossos recursos naturaes, a nossa exportação poderia successivamente elevar-se, — não diremos a oito vezes, — mas, pelo menos, a um valor muito mais alto do que o presente. E teriamos a fortuna em logar da bancarrota.

E igualmente se concluiria estarem mal instaladas as nossas officinas do Trabalho: Aptidos do Povo, para um lado; e para outro lado, grandes, extensões inactivas de charnecas, pousos e sub-solo.

São as pegas soltas de um machinismo-susceptível de fazer a Prosperidade da Patria, se não faltassem a montagem e as Instruções directivas.

Nem mesmo estas faltam completamente, porque, se as procurarem bem, lá ás irão encontrar dentro do ventre do Grande Cavallo de pau, n'uns pobres rolos de papel com os nomes d'Antonio Augusto d'Aguilar, Oliveira Martins, Mariano de Carvalho, e outros inimigos da herança monarchica.

Devemos confessar, contudo, que ha methodos dependentes de menor esforço. O sobra d'umas terras africanas, onde passamos em tempos, tinha legislado que os dentes de todos os elephants abatidos nos seus dominios, entrariam immediatamente nos seus cofres d'Estado. E como o marfim era a unica riqueza do Paiz, e a unica moeda compradora, o sobra, fornecia-se lautamente de gozos europeus, e os subditos gozavam a carne do elephant, e o nobis é tenra, mas, emfim, como-se.

Citamos este exemplo ultramarino unicamente com o fim de frisar bem quanto é vasta, e varia, a escala dos methodos fiscaes. Cada um escolhe o que melhor se lhe figura, conforme os seus pontos de vista.

Quem nos diz a nós que a Republica com a sua lei de contribuição predial, de 15 de Fevereiro, não tem na ideia socialisar a Propriedade pela sua desvalorização previa, e receber, no entretanto, do Brazil, o titulo de

«Povoadora», para fazer um certo ferro aos manes do nosso Rei D. Sancho?

E, sendo assim, claro que escolheu perfeitamente o methodo adequado.

Vá, pois, seguindo a navegação, e os Pilotos entendem que vae bem, e se os tripulantes concordam, e consentem.

«Amara a Barca a uma Estrella, se queres Feliz Viagem», aconselharia o Poeta.

Bem sabemos que, para o caso, não serve, visto, os faroes do Céu estarem, lá pela Patria, legalmente apagados.

Mas cada qual dá o que tem, e nós, por fóra e por dentro, no dicionario, e na alma, não temos senão «Reacção».

Henrique de Paiva Couceiro.

Os bons tempos da tropa

O plantão da porta

A' porta da Caserna, na posição de «descansar», meio encostado, á sacupa, ao humbral — o 45 estava morto de somno e farto d'aquelle dia de inação forçada, para alli pespegado, de «parada da guarda» a «parada da guarda», vendo os que entravam e vendo os que saham e constantemente a «annunciar» para dentro:

— Cabo de dia: O nosso capitão!

— O nosso primeiro...

— Cabo de dia! Está a tocar a avançar ao reforço...

Realmente era de aborrecer este officio *protocolar* de pregoeiro e «introductor» da companhia.

E depois o que custava, á tardinha, depois do rancho, vêr sahir os camaradas, a dar o seu giro, a botar bem engraxada, á *cadete*, a calça de cotim afiambrada e unida á perna, desenhando as formas, a jaqueta com os botões a luzir, o sabre a dar, a dar, o barrete posto ao lado, á *faia!*... O que custava ficar para alli sósninho n'aquelles melancholicos fins de tarde, no meio do quartel êrmo!

Só lá de baixo, da caserna da *Banda*, algumas vezes vinha o trinar agudo de um cornetim, ou o som fahhoso do obó: era um «aprendiz» detido que esmoia um «ordinario», já trinta vezes ouvido... Que aborrecimento!

Depois a fôlga de serviço era tão pequena: um dia guarda, outro plantão, outro exercicio, outro *ordens*.

Um sarilhio de serviço, que fazia com que o pobre 45 *tivesse a honra* de ouvir o seu numero diariamente atirado aos quatro ventos, á *formatura do recolher*, quando se lia a ordem...

Um sarilhio de serviço! E não havia elle de estar aborrecido...

Lá dentro, á frente da companhia formada em duas fileiras — o *piquete de prevenção* á direita, depois os corneteiros, depois os cabos e *praças velhas* e na esquerda a *arraya miuda* da galuchada — e ao claro bruxoleante do lampião de petróleo, o 1.º sargento, o esgruvado Nogueira, ia remoendo a *chamada*:

— 21!

— Prompto!

— 29!

—.....

— 29!

—..... Prompto! — acudia apressadamente uma voz estremunhada.

— O' seu 29... vocecem parece que está a dormir... Uma praça debaixo de forma nunca dorme! Nunca!... Veja lá se quer que o acôrde com duas guardas d'*policia*... Veja lá... 34!

— Prompto!

— 42!

— Prompto!

— 45!

E lá da porta, o *nosso* homem:

— Prompto!

— O' seu 45...

— Prompto, *mé* primeiro!

— Veja lá se annuncia o senhor official de inspecção com voz que eu ouça, perceben?

— Estaja o *mé* primeiro descansado... E a *chamada* seguia o seu curso normal.

A' porta, o nosso 45 quasi dormitava. Isto é, a bem dizer, elle dormir não dormia mas o pensamento andava-lhe por tão longe, por tão longe de chamadas e outras miserias terrenas!...

Começava por olhar tristemente para a sua cama. As mantas do 41 lá estavam no seu logar. Ninguém as empalmará. Era pois certo que teria mais esses pedacos de lá para lhe agasalhar os ossos, d'alli a pouco.

Por esse lado as cousas não iam mal, valha a verdade.

O esgruvado Nogueira, no tom aflautado e apressado de quem está a conferir *móstras*, lia o *Serviço*:

— 49, 23, 66, cabo 17 — guarda ao Limoeiro...

— 119: ordens á brigada.

— 42: plantão aos adidos.

— O' *mé* primeiro, dá *lexença?* — interrompeu uma voz beirada, da esquerda da companhia.

— Diga...

— *Xabará* o *mé* primeiro, que eu ainda hoje *xahi* de fachina ao rancho giral...

— Ah! Sim?! Ora muitos parabens...

O *xbr* 42 faz favor de, quando quizer dizer d'essas cousas, fallar primeiro com a *lata* do rancho... Que diacho quer você que eu lhe faça?... Irra! Sempre com reclamações!... Aposto que queria estar sempre de «nada» ou que eu fosse entrar de plantão por você... Era o que faltava... Está *escalado* e muito bem *escalado*. Fique sabendo que eu servi ainda com o sr. coronel Gama Lobo, que não era para graças... Sei muito bem fazer *escalas!* Que tal está o *tanso*... Olhe: reclame, se quizer, pelas vicias competentes — depois do serviço cumprido, está claro... senão, pôde muito bem *ental-se*...

E o *sermão* do Nogueira não tinha fim. As praças já sabiam: amigo Nogueira despejava para alli todas as suas *notas biographicas* e todo o seu *reportorio*...

Quem não ouvia nada d'este diálogo fóra o nosso 45...

Nadava em pleno azul!

Apenas, muito vagamente, déra por um tropél apressado de passos, lá ao fundo da parada. A *guarda de policia*, que recebera a voz de «braço arma!»

Depois, ainda mais confusamente, para as bandas da 2.ª do 2.º, um plantão — um irmão na desgraça — que se esganiçava:

— Sr. official de inspecção, *mé* primeiro!

— 2.ª: Senti... do!

— Falta alguem, Reis?

— Não falta ninguém... Uma praça deitada com auctorização de Vossoria...

— Está bem, mande *descansar*...

E o tropél afastava-se, enfiando pelas escadas ingremes, que levavam ao 3.º Batalhão.

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

pensava no seu povo, na sua pobre aldeia, perdida ao longe, n'um reconcevo da penedia, tão achapada, que mal se via, tão escura, tão nua, tão érma, que quasi espantava, como creaturas de Deus alli pudessem viver...

Mas tão linda! Tão linda para o pobre 45!

E, n'um canto de alegria, por se vêr entre imagens familiares, atirou pelo ar fóra:

«Ai! Lá vae o cabo Pinna
Levar o rancho á ferradoira!»

De subito, na volta d'um caminho, um rumor que se aproximava apressado.

Ah! Quem havia de ser?

O ti Francisco da Meimóia, que já de longe lhe gritava:

— Eh! Zé...
— Eh! Ti...

Mas n'isto abriu os olhos, um baque surdo no cofre, o acordára. A sentinella do cofre batera pesadamente em sentido, com a arma.

Mal vê, de estremunhado. Oh! Que confusão, Deus meu! Ouve uma voz dizer-lhe:

— Então n'esta companhia o plantão está a dormir?... Eh! Lá... Oh! rapazinho a dormir de vez...

E 45, ainda entre o Ceu e a Terra, absolutamente apatetado mas com a recomendação do Nogueira bem vincada na memoria para annunciar o official de inspecção «de maneira que se ouça» — volta n'um grito estridulo, ás suas funções de «introductor»:

— Ti Francisquinho, mê primeiro!

Saturio Pires.

A segunda Incursão Monarchica

OITO MEZES NA GALLIZA

Agentes da Carbonaria tentam provocar a deserção



JAYME CAIO
Tenente de Cavallaria da Reserva

nossa querida Patria, benevolente como sempre tem sido está disposto a deixar entrar livremente em Portugal todos os emigrados que aqui se encontram exceptuando os principaes dirigentes. Os proprios desertores serão julgados somente como tendo committido simples deserção. Entre vós ha filhos do povo, d'esse povo que governa em Portugal que para aqui vistes arrastados por outros que d'esse povo não são filhos.

«E' a vós que me dirijo.
«Deveis estar convencidos que todos os segredos da contra-revolução foram descobertos e que portanto esta jamais irá avante.
«Portanto, sem perda de tempo apresentae-vos a qualquer administrador do concelho do districto de Villa Real ou aos consules de Verim e Orense que elles sem contra vos proceder vos tomarão declarações e vos mandarão em paz para vossas casas.
«Se quizerdes falar com quem a vós se dirige vinde a Cavalheiros onde me encontrareis em casa de D. Severino Magro por especial finieza d'este

Pela commissão
Antonio J.º Luiz Pereira
R. Sto Antonio 31 — Chaves»

— Foste só tu que recebeste isto? interrogou o tenente Caio, acabando de lêr.
— Sabereis vos'soria que veio para todos.
— E depois?
— Depois... se vos'soria dá licença eu vou a Cavalheiros e prêgo uma estafia no homem!

— Tás doido?...
— «Precisa d'uma ensinadella!»
— «Nós damos-lhe com o papel na cara!»
— «Mette-se-lhe pela bocca abaixo!» — Gritaram outras tantas vozes de soldados, por traz do cabo.
— Silencio! — ordenou o tenente — Alguns de vós queres quem aceitar?
— Aqui não ha canalhas, meu tenente! respondeu, magoad, o cabo.
— «Ninguém aceita!»
— «Ninguém aceita!»
— «E' o acetas!» gritaram os homens.
— Então não faço caso, — aconselhou o tenente Caio.
— Com perdao de vos'soria, isto assim é que não pôde fôr! — declarou o cabo.
— Vocês querem tirar a desforra da offensa?

Todos disseram que sim.
— Pois, então, façam isto: vão lá, digam que querem ir para Portugal, que estão fartos d'isto, peçam-lhes salvos-conductos, e apanhem-lhes o documento. Assim já elles não podem dizer mais tarde que ful o que escondeu o papel e que vocês não acitaram por não saber d'essa proposta.

— Quer-se mesmo que elles saibam que a gente foi entregue do papel.
— Bem, então, podem ir. Mas juizo, ein?
— Póde estar descansado, meu tenente! — assegurou o cabo.
— Se não fosse cá pelo respeito que guardamos ao nosso tenente, elles haviam de ter a resposta! Mas o nosso tenente manda... — respondeu uma das praças.

— A todo o tempo é tempo, homem! — replicaram os outros.
— Com licença de vos'soria, meu tenente! — tornou o cabo.

— Adeus, e olhem se tem juizo — tornou a recomendar o tenente Caio. — E' verdade! vocês não dêem os vossos nomes.
— Eu cá digo chamar-me Francisco da

Silva, ou coisa assim, em vez de Antonio Francisco Rodrigues — declarou o cabo.

— E nós também não faz minga dar os nomes verdadeiros — ajuntaram as praças.
— Depois cá venho dar parte a vos'soria do que fôr passado, meu tenente! — pomplificou-se o cabo.

— Pois, sim; e se algum dos homens quizer ir embora, deixa-o ir. Aqui não se prende ninguém á força.

Documentos Authenticos

Foi o cabo, acompanhado de varias praças do 4.º grupo, a Cavalheiros onde encontraram o tenente Roma que lhes decaçou, sobre o retorno do Filho Prodigio, a ansiosa saudade da Republica por aquellos filhos queridos, por alli a penar os negros males da terra estranha. E para que podessem regressar ao vilão das bôdas, o enviado generoso da Republica munhi-os da immundade de duas guias de marcha, uma para o cabo Antonio José, arvorado do posto fiscal de Tourém, outra para o administrador do concelho de Montalegre.

O cabo Antonio Francisco Rodrigues colheu os documentos, jurou que lá d'alli fazer a trouxa, a mais os camaradas, e voltou, com quantos homens levára de Valoiros, ter com o tenente Caio.

— Aqui está, meu tenente. Esta diz que era para o cabo da guarda-fiscal de Tourém. Faça favor vos'soria de lêr,
E o official leu.

«Antonio José

«Vae ahí Francisco da Silva...»

— Francisco da Silva, como o meu tenente sabe, foi o nome que eu dei — interrompeu o cabo.

O tenente Caio assentiu com a cabeça e reconheceu, em voz alta, para os homens ouvirem tambem:

«Antonio José

«Vae ahí Francisco da Silva acompanhado de varios portugueses todos desgraçados, que vão apresentar-se a Montalegre para seguirem aos seus destinos. E' bom mandar um guarda acompanhado-os para saberem o caminho e apresental-os ao sargento Julio, afim de os apresentar ao ex.º administrador.

Sem mais
Bento Roma
Cavalheiros — 11-11-911»

— Agora esta que diz que era para o proprio administrador.

E o tenente Caio leu o segundo documento:

Ex.º Sr. Senhor

«O portador d'esta é um dos desgraçados que para aqui andam arrastando uma vida de miseria e de nostalgia. E' Francisco da Silva e leva em companhia d'elle os seguintes:

— Sabereis o meu tenente que todos esses nomes são suppostos — avisou uma das praças.

«... os seguintes (reconheceu o tenente Caio): Antonio de Magalhães, de Cabeciras de Basto; Domingos Gonçalves de Alturas de Barrozo; Antonio da Silva de Cabeciras, Alberto Lopes de S. Domingos (Lisboa), Antonio Macêdo dos Santos; Antonio Pedro Garcia de Villa Nova de Gaia, João Peizoto, do 3.º bairro de Lisboa.

Pede o creia seu m.º amigo oby.º
De V. Ex.º
Bento Esteves Roma

Cavalheiros, 11-11-911»

— Desgraçados seremos a gente, — (commentou um soldado) mas temos mais vergonha na cara qu'á muitos que por lá ha pela republica!

— Não se compára um oiroço e'um castanheiro! — acudiu outro.
E foi uma explosão de firmeza, de brio, de lealdade mal-fierda pelo convite á deserção. O official acalmou-os, reconhecendo-lhes a lealdade, e ali acabou o caso, para recomendar lá-fóra entre os homens, até chegar ao conhecimento de todo o grupo, passar d'esse ao grupo visinho, n'um arripio de dignidade por todos os acantonamentos, d'onde nem se quer um homem saiu. Em todos elles, um por um, o official comandante do grupo, chamou os seus homens, leu-lhes o papel que lhes offerencia o regresso impune, e declarou-lhes: — «Quem quizer ir pôde ir. Não queremos cá ninguém á força. Na certeza de que quem passar para além d'aquelles montes não espere poder tornar para nós.»

Mas as praças nem esperavam pelas ultimas palavras; á cheia de protestos trashedava logo e era um trabalho para os conter.

D'ahi a dias, o tenente Rebello chegava á sala do quartel-general de Mogueimas a rir ás gargalhadas.

— De que é que vens tu a rir? perguntou-lhe o tenente Saturio Pires.
— Não ouviste?...
— Ouvi, para 'ahi, um bocaco de bulha, mas julguei que fossem os homens a jogar o chinquillo.

— Jogaram o chinquillo, jogaram, mas foi nas costas dos carbonarios.

— O quê?
— Então, o tenente Rebello contou: uns carbonarios passaram, n'uns burros, rondando o acantonamento; um dos homens do grupo do tenente Saturio Pires conheçera-os, e gritara: — Lá vão elles.

E, como á voz de fogo, uma descarga de pedradas varreu a cavalgada.

Joaquim Leitão.

Pathologia da Republica

Anemia de ideias e fluxo verbal

«Il y a un siècle que la France ne se gouverne que par des mots». Isto (se me não engano) escrevia, ha uns vinte e cinco annos, Blouwitz, o celebre correspondente politico do Times em Paris.

O mal não foi só da França. Foi de todas as nações latinas, que do seu doutrinarismo receberam o largo e poderoso influxo. Não escapamos nós a elle no tempo da revolução liberal e da monarchia representativa, onde a formula, a palavra, foram, muitas vezes, o labaro guiador de toda a acção politica.

A Republica, porém, n'este capitulo, tem deixado a Ominosa a perder de vista. N'este capitulo — como em todos os outros, confessemo-lo, embora isso pese ao nosso thalassismo...

A Republica só se tem governado com palavras. Palavras, palavras, palavras... — como dizia o neurasthenico Principe dinamarquez. A cabeça dos seus dirigentes tem sido safara e avara de ideias. Mas os seus labios continuam sendo d'uma prolixidade, d'uma abundancia de parola, d'um fluxo verborrhaico, que parecem inexgotaveis.

Com effeito, lançando-se o mais imparcial, direi mesmo o mais benevolo olhar, sobre a obra da R-publica, a impressão que d'esse exame se colhe é a d'uma absoluta esterilidade de pensamento governativo, d'uma completa carencia de planos politicos e administrativos, — que é como quem diz, d'uma profunda anemia de ideias.

Ha meia dzia de questões que são fundamenteas, que são basilares, no governo das sociedades contemporaneas.

E' a questão da ordem publica conjugada com a das garantias individuaes, com o direito de opinião, de reunião, de representação, com o dever social da tolerancia e de respeito reciproco das ideias mais oppostas, que constitue a propria essencia do principio da liberdade.

E' a questão do equilibrio juridico-economico das classes, ou, melhor, a questão social, com todos os seus vastos e complexos problemas.

E' a questão financeira, a questão primordial de toda a administração publica e o seu mais profundo e estavel alicerce.

E' a questão do fomento economico e do correlativo regimen das riquezas.

E' a questão da autonomia na administração local, principio que exige, para cada sociedade, uma solução privativa, determinada pelo seu caracter, tradições, educação, etc.

E' a questão do ensino e da educação nacional.

E' a questão da defeza externa, tanto sob o ponto de vista militar, como sob o ponto de vista diplomatico.

Quaes as ideias dos governos da Republica em todos estes capitulos?

Bem as revelam estes vinte e seis mezes de incomparavel felicidade politica e social, de que o novo regimen nos tem feito o dom magnifico...

A sua ideia de liberdade é a da demagogia anarchica.

A sua ideia da justiça social oscilla, fluctuante e incerta, do reconhecimento do direito de greve até á repressão vio-

«O Governo português animado da melhor boa vontade e de conseguir o acção, evitando de qualquer forma ou modo, perturbacões na

lenta do exercicio d'esse direito reconhecido.

Os seus planos financeiros são uma grosseira razzia tributaria sobre a propriedade, sobre o capital, sobre o trabalho, para liquidar deficits brutos, deficits dos mais monstruosos de que reza a historia financeira do paiz.

Os seus projectos de fomento são invisiveis a olho nu. Um vago credito agricola, que até estas horas não se sabe que tenha fornecido as necessidades da agricultura cinco réis... perdido! — meio centavo de mel coado.

A questão da autonomia na administração local está resolvida... pela supressão, pura e simples, d'essa mesma autonomia, enquanto que as camaras, arrastada e somnolentemente, discutem um pobre codigo administrativo, cuja longa e accidentada elaboração fetal só pôde ter como remate ou um aborto ou o nascimento d'um mostroengo, d'um aleijão, sem condições de vida.

Do ensino e da educação nacional, sob a Republica, pôde fazer-se ideia pelo facto, revelado no parlamento, de se acharem fechadas centenas de escolas primarias, pela completa desordem que lavra no ensino secundario e superior — e pelo espirito de intolerancia, pelos continuos attentados á consciencia religiosa, pelas leis dissolutivas de todos os laços familiares, pela indisciplina demagogica, pela brutalidade dos costumes, que o regimen sollicitamente tem semeado e cultivado na sociedade portugueza.

E as ideias sobre a defeza nacional, politica ou diplomatica, symbolisam-na a cabeça desmiolada e tonta d'um velho almirante adhesivo, residuo infecto do que a Monarchia tinha de peor, a dizer baboseiras, a reclamar sacrificios com que o paiz não pôde, a fazer ineptamente o estendal publico da nossa fraqueza militar, e, ao mesmo tempo, as personalidades de entremez d'uns ministros dos estrangeiros e d'uns diplomatas feitos á pressa, que, sem valor, sem prestigio, sem situação, sem tacto, sem habilidade, sem conhecimento das questões, nos crearam a brilhante situação externa que, por vezes, a imprensa europeia vae deixando entrever nas suas indiscreções.

Eis as ideias, as concepções governativas, os planos de reforma, as plataformas de acção interior ou exterior, dos grandes estadistas da Republica e de todos os seus representativos-men.

Mas, se as ideias brilham pela sua ausencia, o palavriado, óco e empolado ou violento e grosseiro, escorre como um fluxo irreprimivel, como uma hemorragia d'aseiras e de diatribes que se não estanca, nas sessões do parlamento, nas reuniões do directorio, dos centros partidarios e das chafarices mais ou menos carbonarias, nas tournées de propaganda dos velhos idolos, nas columnas da imprensa vermelha, nas representações das collectividades jacobinas, nas declarações publicas das mais altas figuras da Republica, e até mesmo nos diplomatas officiaes e nos documentos burocraticos.

E' uma caudal, uma torrente, uma inundação de phrases bombasticas e vãs, de rhetorica estafada, de formulas feitas, de patacoadas, de despanteiros, de doestics, de injurias, de brutalidades quasi obscenas, e de pavorosos attentados á lingua patria e á sua esquadria e desrespeitada grammatica.

Estes dois symptomata morbidos parecem-nos serios e de extrema gravidade. E não podemos deixar de apontal-os como taes á familia da illustre enferma. Dos seus muitos males, de que andamos a fazer aqui o interessante estudo, estes são dos mais alarmantes.

Doutor Thalassa.

Perfumaria Balsemão

RUA DOS RETROZEIROS, 141

Telephone, N. 777

LISBOA

Chronica militar

Paris, 31 de Março de 1913.

Era já pessimamente impressionado com estas pavorosas delongas n'um caso de Salvação Nacional, que escriviamos a nossa ultima chronica — no proprio dia, se não estanos em erro, em que o ministerio Briand se sumia, em presença do já conhecido cheque infligido pelo Senado.

Não nos enganavam os nossos presentimentos... A lei dos 3 annos, a já celebre lei dos 3 annos, não terá a completa execução, que exigem as graves circunstancias, em que a França se encontra, pelo que toca á sua defeza — ou ás suas aspirações, o que, para o caso, é o mesmo.

D'então para cá tudo tem mudado... para peor, louvado Deus!

O ministerio Barthou entra n'um rompan-te, concretizando o seu pensamento de irreductibilidade, em poucas palavras decisivas e energicas: «Vite et tout!»

«Vite et bien!» Pois é esse proprio ministerio Barthou que, poucos dias decorridos, e obedecendo a pressões, de «origem» facilmente calculavel, abandona essa intrensigencia no principio fundamental da Lei, e já admite variantes, palliativos, atenuantes — condemnadas *ne mine disceptantur* pelo Conselho Superior de Guerra... — e que láão de acabar de a virar de cabeça para os pés, como se diz na nossa canção popular.

«Nihi novum sub sole». Os procedimentos de 1897 com a Lei Niel, renovam-se. A cada dos politicos, que tomou conta dos destinos d'esta Grande Patria, «não quiz» nos ultimos annos do 2º Imperio: «A cada dos politicos não quer» hoje em dia, n'estes annos turvos que vão correndo e que podem lem ser os derradeiros da 3ª Republica.

«Ao os Fados a cumprir se». A Lei Niel *sihul* amputada e desnaturada. A Lei Etienne desnaturada e amputada sahirá... Ninguém a conhecerá.

Eu quasi o ia jurar, se ella chegar a sahir. Outro dia, um amigo muito presado, narrou-me este caso, que não deixa de ser curioso:

Junto a um placard, na Rue 4 de Septembres, um grupo composto de francezes apearava-se a lêr. Tratava-se d'um manifeste ou coisa parecida, em que calorosamente se fazia a defeza da Lei dos 3 annos. Tres alleães passavam. Chamados pela curiosidade, aproximaram-se e leram e... lido o papel, foram seguindo o seu caminho, rindo ás bandeiras despedradas e commentando «em voz alta»... Isto é absolutamente veridico.

Os tres alleães não acreditavam que a Lei fosse por deante...

Duvidavam do patriotismo francez? talvez...

Não duvidamos nós, por nossa parte. A Historia Militar da França é de molde a fazer crêr exactamente o contrario. Nunca paiz algum soube encontrar em si, no momento preciso, um tal reservatorio de energias maritimes e moraes, como esta grande França!

Nunca, desde a Revolução e as do Imperio, em *l'Année Terrible* só testemunhamos irresponsiveis. Hoje mesmo *sente-se* nas camadas inferiores um *élan* bem significativo...

Não se trata, pois, do *legendario* patriotismo francez.

A França, porém, está, hoje em dia, debaixo da égide dos politicos e dos pacifistas á outrance.

Que importa que a verdade seja tão clara, que até os cegos a não vejam? Que importa a opinião unanime do Conselho Superior de Guerra?

Se é Jaurès e é Angagneur que dão as cartas...

Entre a opinião de Maitrót e de Jaurès é certo prevalecer — a d'este ultimo! Nem outra cousa podera succeder...

Assim a *manoeuvre truinante* foi coroada de successos.

A *comissão do Exercito*, tomando em conta as promessas do *Ministro — Élargissement des congés*, etc., — resolve adiar as suas sessões até 24 de abril! Que pressa!

Isto é e em poucas palavras: delongas, chizices, mandarintices, discussão, politica, estudo demorado e profundo (!!!) — nada, nada ou quasi nada!

Assim está posta a questão n'um paiz, que é uma grande potencia e que tem as duras responsabilidades dos seus destinos e do seu rang!

Diz-se em Hespanha, quando algum vae a jantar:

«Que lo aproveche!»

Pois «que les aproveche» aos francezes... Cada um come do que gosta. O diabo são as... indigestões de pacifismo...

* *

Entretanto *au delà des Vosges* a Lei Militar, que já vimos algures classificada, e com verdade, de *esforço sobrehumano*, vae entrando em execução. Os recursos financeiros apparecem.

Uma vontade unica dirige o barco e todos

os esforços se empregam, tendo, como mira o mesmo objectivo: a Salvação da Patria, as suas ambições, os seus interesses e os seus sonhos de hegemonia.

Marcou-se um ponto na frente e marcha-se direito a elle sem tergiversações, sem largas declamações, sem discussões estereis.

Manda quem pôde e quem deve mandar. Obedece quem deve obedecer!

É a velha e sempre nova verdade. Ponhamos de parte toda a nossa sympathia de raça de latinos, e concordemos em que a obra gigantesca da Allemanha é d'aquellas, que causam emoção e respeito.

E' o verdadeiro patriotismo: o patriotismo consciente que sabe o que quer e para onde vae, que não faz barulho e trabalha com methodo, com ordem, com socego, com afflino e com tenacidade — para a maior grandeza da terra, que é a sua «Patria Allema». Não ha duvida: os allemes têm direito a escrever sempre *Eu*, com letra maiúscula!

* *

Quer vêr o leitor o que representa esse bello esforço militar e financeiro?

Pois ouça: Além do enorme augmento de effectivos de todos os batalhões, esquadões e baterias, a nova Lei Militar prevê:

1º A formação de 17 novos regimentos, dos quaes: 3 d'artilheria, 6 de cavallaria, 8 de engenharia.

2º Creditos para a frota aérea elevando-se a 100 milhões de francos.

3º Formação d'um grande numero de unidades technicas, entre as quaes: 4 batalhões de telegraphistas, 5 batalhões de pilotos d'aeroplanos, 2 batalhões e duas companhias de pilotos de balões e dirigiveis, algumas secções independentes de projectores luminosos de campanha, 18 novas companhias de metralhadoras, 18 novas secções de metralhadoras de fortaleza, 18 companhias ciclistas e 10 novas secções para os serviços technicos.

4º O thesouro de guerra, guardado na Torre Julíes, de Spandau, é triplicado. Sôbe de 1:0 a 360 milhões de marcos (450 milhões de francos).

— As despesas extraordinarias, provenientes da nova lei são assim distribuidas:

- 250 milhões de marcos para a construção de casernas.
- 290 milhões para fortalezas.
- 70 milhões para a frota aérea.
- 74 milhões para a artilheria.
- 46 milhões para os campos de tiro e manobras.
- 28 milhões para a engenharia.
- 15 milhões para o serviço de saude e ambulancias.
- 66 milhões para fardamento, armamento e equipamento dos novos recrutados.
- 15 milhões, finalmente, para abarracamentos, provisões enquanto se não acabam de construir novos quartes.

O premio de *readmissão* para sargentos é augmentado, no fim de 12 annos de serviço, de 3:00 a 3:550 marcos.

O general Von Goertz dá os seguintes esclarecimentos aino sobre a nova lei:

— Todos os regimentos da fronteira terão o effectivo maximo de 721 homens por batalhão. Os do interior passarão a ter 641 homens, isto é, o effectivo de guerra, anterior á lei.

— A cavallaria não conhecerá senão um effectivo, que ultrapassará, em todos os regimentos, de 30 homens, os antigos effectivos reforçados da fronteira. Cada esquadraõ a 150 praças.

Em resumo, e guiando-nos pelas informações do correspondente berlimense do *Echo de Paris*, os effectivos do exercito allemaõ passam a ser:

36:000	officiaes
410:000	sargentos
662:676	soldados
205:000	voluntarios d'um anno

Somma 828:676 homens.

Juntado a estes effectivos dos *serviços auxiliares*, teremos um total de 890 a 900 mil homens! Formidavel!

* *

Entretanto em França discute-se...

Nos ultimos annos do governo do 3º Bonaparte, Duerot, governador de Strasburgo, cansava-se em cartas sobre cartas, chamando a attenção para os preparativos da Prussia, já victoriosa em Sadova e fazendo o salto para se atirar, com os seus exercitos, sobre a Alsacia e a Lorena.

Essas cartas curiosissimas foram agora trazidas á luz da publicidade pelo general Maitrót.

Ninguém o acreditava então, como com incredulidade eram ouvidas as informações do coronel Stoffel, adido em Berlim. Caminhava-se para o abysmo...

O peor foi que o «A Berlin!» se converteu tristemente n'um anno de miseria e de horrores e na enorme dor de vêr o desfile allemaõ, fanfarras, pifanos e tambóres á frente, Etiole e Campos Elysiõs abaixo até á Concordia o Thulerias... Depois a communa.

A desgraça devia ser uma boa mostra para a França...

A não ser que os pacifistas de hoje em dia — dignos herdeiros dos que não queriam, em 67, a França transformada n'uma Caserna e a preferiram tornada n'um Cemiterio — tenham grande empenho em mirar os netos de Blumenthal, quando elles venham fazer, em *negras horas*, o *tour des Boulevards* — como o irritavel Chefe de Estado Maior do Principe Real da Prussia vinha, em 70, a cavallo, dar a sua passeata até á Rue Castiglione o Place Vendôme...

Saturio Pires.

A MORAL POLITICA

Na grande questão da moral politica ha que vêr, cuidadosamente, as cousas como ellas na realidade são. O Estado não é simplesmente um organismo creado para conciliação das conveniencias individuais adentro do caixilho da existencia em commun; é tambem, sob outro dos seus aspectos, porventura bem mais importante, o ambiente social em que se desenvolve o caracter humano. Corrompido esse ambiente os caracteres desenvolvem-se mal e resultam falseados, corrompidos igualmente. O raciocinio por demais simplista dos democratas da actualidade, herdeiros e successores dos jacobinos do final do seculo XVIII, que reduz a concepção do Estado a um aggregado de repartições publicas encarregadas da manutenção da ordem interna, da defeza das fronteiras e de algumas funções correlativas a ambos esses objectivos, que o julga susceptivel portanto de supportar sem inconveniente todas as transformações e reformas, por profundas e radicaes que sejam, para rigorosamente se adaptar a quaesquer theorias de novidade sobre o exercicio de taes funções, já não encontra defeza hoje em dia. Todos os pensadores sabem bem, entrevê a mesma verdade qualquer observador mediano, que o interlaçamento moral do Estado e dos individuos é phenomeno de muito maior complexidade: tanto maior quanto mais antiga seja a formação da nacionalidade a considerar. Se é verdade que o Estado foi, originariamente, criação do individuo, não é menos exacto que, por seu turno, este, como o conhecemos na actualidade, é, em grande parte, criação do Estado. O que o meio regional é para as caracteristicas physiologicas de todos os seres vivos, é similantemente o ambiente social para as almas humanas: o agente, de acção constante, caracterizador das suas virtudes e defeitos. Não podemos abstrahir d'esse ambiente, desprezal-o, negal-o, e, simultaneamente, sentir a pretensão de reter o gran de civilização que a elle e só a elle devemos.

Não ha talvez presentemente á face do globo individuos alguns que conservem intactas da acção de qualquer Estado, mais ou menos rudimentar, as suas mentalidades e as suas moralidades. E' de lastimar que não exista esse tipo primitivo, puro na bestialidade dos seus instintos, cujo estudo comparativo com as nossas personalidades, seria interessante fazermos — depois de, á cautela, o termos mettido n'uma jaula bem solidada. Mas devemos imaginal-o como foi na realidade primitiva, obedecendo tão sómente aos dois impulsos primarios, da propria conservação e da propagação da especie, ignorando a bondade e o amor, a solidariedade e o altruismo, a justiça e o perdão, todos os ideaes ale vantados com que a vida em sociedade encheu a nossa alma de civilizados, para que, verificando a diferença, possamos avaliar com certa aproximação quanto, como individuos, devemos ao Estado e reconhecer, portanto, quão poderosamente por elle temos sido influenciados.

E' certo que todos nós gozamos de um consideravel poder de independencia e de originalidade espirital; bastanos attentar nas personalidades dos fundadores de religiões, como Christo, para logo reconhecermos que esse elemento escapa, ás vezes por completo, á acção modeladora do ambiente social. Mas essa facultade de sobrelevação, apana-

gio aliás de raros individuos mesmo quando considerada em grau menor do que aquelle que como exemplo maximo se acabou de citar, em coisa alguma se mostra antagonica da acção toda poderosa da moral do Estado; e coexiste com ella muito explicavelmente, porque em ultima analyse a vemos actuar como a força originariamente creadora e constantemente aperfeiçoadora de toda a moral.

Descendo da generalisação á particularisação, é facil de constatar em nós mesmos, assim como em volta de nós, o profundo effeito da moral do Estado, do ambiente social regulado. Os excessos de certa escola de criminologia que ha annos insistiu em explicar pathologicamente todos os casos de depravação moral tiveram, afortunadamente, o effeito de estimular os pensadores a investigar a materia mais a fundo. Hoje, sem se desattender o que de verdadeiro e util essa escola introduziu nas conquistas do saber, está contudo bem averiguado que á influencia do ambiente moral cabe um papel importantissimo, sendo predominante, no alastramento do crime que tantas vezes é praticado por individuos dotados de organismos maravilhosamente saos. Na legislacão que tem promulgado sobre colonias de correção para menores e sobre separação de primeiros delinquentes dos notorios reincidentes, todos os Estados dão provas evidentes de assim o haverem reconhecido.

Ora se tudo isto é verdade, e cada um de nós em sua consciencia sabe que assim é, como poderemos conformar-nos com o assentamento da moral do Estado sobre uma base tão palpavelmente falsa como é a da propaganda democratica?

Se a divulgação e o alastramento da amoravel Fé Christã não conseguiu ainda, apesar de muito nos ter feito caminhar, levar-nos á serena paz do proprio espirito e a sincero amor pelos nossos semelhantes, aonde pretende conduzir-nos o grosseiro mytho dos democraticas, com o seu evangelho de indisciplina acobertado sob a pretenção de liberdade e o seu apostolado de inveja disfarçado em aspiração de egualdade?

A pergunta é ociosa dois annos após o triumpho da revolução republicana em Portugal e depois de vinte de maior intensidade da sua propaganda, porque a resposta nos é dada pelos factos da hora presente assim como pelas sombrias perspectivas do futuro proximo: pelas sepulturas prematuramente abertas, pelo accender de odios incansaveis adentro da pequena familia portugueza, por tanta eram de carreiras dignas que tão uteis ruina ao Paiz, de fortunas merecidas, de obras de caridade e de ensino indispensaveis, pela desordem, desbarato e indisciplina dos servicos publicos, pela relaxação de todos os laços sociais aproveitada pela escumalha da população para o commettimento d'essa orgia de crimes que peja hoje, como nunca no passado, o noticiario dos jornaes mais cautelosos — isto para só citar o que é mais conhecido e provado por factos e para não encetar o capitulo das previsões de males maiores pela sua generalidade.

Eduardo Lupi.

SEMANA MUNDANA

Um pouco de tudo

— Vindos do Porto, já regressaram a Lisboa o nosso amigo e distincto engenheiro, Alberto de Lima Rego, e sua esposa a senhora D. Cecilia Pinto da Fonseca Rego. — Já regressou á sua casa de Guimarães, vindo de Lisboa, o sr. Luiz Cardoso de Menezes (Margaride). — Encontram-se em Lisboa acompanhados de suas gentilissimas filhas, os senhores Viscondes do Tojal. — E' esperada em Lisboa, vindo de Londres, a senhora Condessa de Arnoso. — Esteve em Lisboa com sua esposa, a senhora D. Thereza Silva de Vasconcellos

Porto, o sr. Luiz Queriol de Vasconcellos Porto.

— Vimos no Porto o sr. José de Castell-Branco Ribairo da Cunha.

— Regressou do Funchal o antigo governador civil, sr. conselheiro José Ribeiro da Cunha.

— Já regressou ao Porto o nosso amigo José Cardoso de Menezes (Margaride). — Esteve em Lisboa o sr. José Infante da Camara.

— Já partiu para Bruxellas a senhora marqueza Paulicico de Calloli, com sua gentilissima filha e filho.

Um estabelecimento modelar

Os srs. Carvalho & Figueiredo inauguraram ha dias, na parte nova da rua do Sá da Bandeira, 409, um magnifico estabelecimento onde, e do mais fino gosto, se encontra uma variedade esplendida de mobiliario, em que predomina o elegante e moderno estylo inglez; uma secção de estofos, tapetes, oleados, azulejos, e os mais interessantes objectos de arte: jarras, figuras; enfim, tudo o que constitue a graça e a belleza do boudoir elegante.

Nas suas magnificas officinas, um pessoal habil e competente executa, de prompto, todas as encomendas que lhes sejam enviadas.

E' um bello estabelecimento, este — não haja duvida — e, como tal, consciös do nosso dever, o recomendamos a todos os que nos lêem.

Aos srs. Carvalho & Figueiredo os nossos parabens por dotarem o Porto com uma casa onde, por modestos preços, se encontra o que, de mais chic, pôde desejar a nossa phantasia.

Carta de Lisboa

O scandaloso produzido por duas entrevistas jornalísticas com o sr. Theophilo Braga occupou toda a semana, crescendo e avolumando-se dia para dia, á medida que se lhe pretendia dar remendo, e fez exposto agora com a explicação que o sr. Alfonso Costa obrigou o illustre auctor da Historia da Universidade a ir fazer á Camara. Foi tal a retumbancia que elle teve, que o Congresso de Aveiro, as recitas de Huguenet, os ápartes do sr. Geiorico Gil sobre os protectores do sr. Eusébio da Fonseca, a tourada dos Casimiros, o assalto e o roubo ao Club da Praça dos Restauradores, a nomeação do sr. Alfredo de Magalhães para o directorio, o pyramidal relatório do syndicante á Camara do Porto, e muitas cosas mais passam despercebidas. O caso Theophilo é que continua na ordem do dia, discutido desde os cursos particulares na casa de cada um até ás conversas ás mezas dos cafés, desde as columnas dos jornaes até ao summario das Camaras, ás esquinas das ruas, nas redacções, nos clubs, nos palcos e nos becos onde, por mal de todos, se discute, e o que é peor, se faz organo politica.

Historismos? A 30 de Março appareceu o Seculo entrevistando o sr. Theophilo sobre o problema internacional. Perguntando lhe o jornalista se não seria conveniente definir clara e precisamente os termos da aliança ingleza, o ex-Presidente do governo provisorio disse-lhe que sim, que era bom, muito bom mesmo, mas que não pensasse n'isso enquanto (sic) os cargos diplomaticos fossem occupados pelas individualidades que actualmente os occupam. E acrescentou textualmente: — «Eu sou sempre muito sincero nas affirmações que faço e em verdade lhe digo que estou convencido de que governo algum pôde tomar a serio como diplomatas os individuos que presentemente occupam as legações da Portugal.»

Era um ataque em fórma, feito com aquella sinceridade e verdade de que o sr. Theophilo tanto blasona, ataque que passaria inculome se o sr. Brito Camacho que não pôde vêr o sr. Theophilo, se não lembrasse de lhe dar as honras parlamentares de um discurso, com perguntas ao governo, o qual não ponde deixar de declarar a responsabilidade das affirmações do seu correligionario, membro do directorio, e de declarar que tinha toda a confiança nos diplomatas. Feita esta declaração, de duas uma: ou o sr. Theophilo não tinha razão em dizer que os governos não podiam tomar a serio nem o sr. Teixeira Gomes, nem o sr. Sydonio Paes, nem o sr. José Relvas, nem o sr. João Chagas; ou o ministerio, mantendo-os nos seus cargos, tornava-se solidario com pessoas que se não tomam a serio.

O Seculo no dia seguinte veio dar a sua opinião. Não avocava a responsabilidade das palavradas do sr. Theophilo que, applicadas á diplomacia em geral, eram injustas, mas ácerca de muitas legações havia, na conversa de S. Ex.ª, mais verdade (sic) que nos protestos do sr. Camacho e Macieira. Quer dizer, com cordava que não todos mas alguns representantes actuaes de Portugal não podiam ser tomados a serio.

E' claro que alguns protestaram em cartas publicadas, outros em cartas que se não publicaram e todos vociferaram contra o sr. Theophilo que, ao fim de tres dias, apanha em sua casa um amigo, rapaz novo que elle queria encaminhar litteraria e scientificamente (da que se livrou o sr. Magalhães Collaço), e sem saber que elle era jornalista e nada menos que era do Dia, começa a conversar com elle a respeito dos diplomatas actuaes, contando-lhe sem se saber porque nem para quê, varios pormenores escabrosos sobre cada um d'elles, em especial. O pobre amigo do sr. Theophilo ouvia tudo sem pestanejar, abysuado de tanta diatribe, e como de quando em quando elle lhe dizia: «Ponha lá, escreva isto, que é o facto» sacou da algibeira um papel e começou a tomar notas. E o sr. Theophilo tão atrephalado estava que imaginou que essas notas eram para um estudo scientifico, e continuou sempre a dizer a sua opinião sobre o sr. Camacho, sobre o sr. Relvas, sobre o sr. Augusto de Vasconcellos, sobre o sr. Teixeira Gomes, sobre o sr. João Chagas e sobre toda a gente, unica e simplesmente para que o infeliz rapaz que elle queria encaminhar litterariamente podesse ficar conhecendo bem os diplomatas da Republica.

O sr. Collaço sahio da modesta casa da Travessa de Santa Gertrudes, verdadeiramente aterrado, sem saber atinar bem com o motivo porque o sr. Theophilo queria que elle apontasse o que lhe estava contando. De repente lembrou-se que o sr. Theophilo gostava muito de fazer partidas aos homens celebres e transformou os apontamentos scientificos n'uma entrevista politica e tão bem o fez, com tanto talento e tanta verdade, que a gente lia o Dia e imaginava tal qual, que estava a ouvir o sr. Theophilo.

A entrevista será apocrypha como desejará o Mundo, mas está tão bem feita, que até parece phonografada...

Ha coisas muito exquistas n'este mundo, e esta é uma d'ellas.

Afinal, como tudo, tem uma explicação muito simples: O sr. Alfonso Costa, vendo que o sr. Theophilo tinha razão e que os governos não tomavam a serio os diplomatas actuaes e logicamente a elle presidente do ministerio que os mantinha, munui-se de toda a sua rabolice de advogado e convenceu o sr. Theophilo a ir á Camara dizer o que disse hontem.

Tudo para que as poucas pessoas que ainda admiravam o sr. Theophilo passassem tambem a não o tomar a serio.

E não teve grande difficuldade n'isso.

Quinta-feira 9. Raul.

Annuncios

Herminio Pereira da Silva Pinto TORRES NOVAS COMMISSAR.O DE VINHOS E AZEITES Especialidade em vinhos tintos de 12 a 15 graus

Compra e venda á commissão e de conta propria

Alvaro Pinheiro Chagas (Anselmo) Notas d'um Lisboaeta 2 bellos volumes Preço 1\$200 reis A' venda nas principaes Livrarias.

CIGARROS Presidente ARRIAGA Fina mistura de tabaco havano A marca de maior successo em Portugal Cuidado com varias marcas imitações d'esta famosa marca

Na Guiné Por Frederico Pinheiro Chagas (2.ª edição) Brevemente á venda.

HEROES DE CHAVES Nova marca de cigarros Manipulados com finissimo tabaco havano suave SUCESSO COLOSSAL Em todas as tabacarias 15 CIGARROS, 90 REIS

Joaquim Leitão OS CEM DIAS FUNESTOS (Processo e condemnacão do ultimo presidente do conselho de 1910, Antonio Teixeira de Souza e do seu livro «Para a Historia da Revolução») Um volume de 550 paginas illustrado PREÇO 1\$000 REIS A' venda nas principaes livrarias

LEGITIMOS CIGARROS D'ALGER PERFUMES de Salon CREMES d'Herbe Divino Universalmente conhecidos como os mais hygienicos Não affectam a garganta Cuidado com as imitações que a fama mundial d'estas marcas tem provocado.

PÃO DE GRAÇA Aos medicos, medicas, parteiras e hospitaes fornecemos o necessario para analyse e experiencia nos tratamentos dos diabeticos, disepticos, tuberculosos e anemicos. O pão de Gluten é o mais leve e mais fino e tem sido empregado com optimos resultados. Basta um simples postal para ser logo fornecido. Unico concessionario em Portugal e Hespanha — Manuel J. Ferreira Valente — PADARIA NACIONAL — Rua de Liceiras, 140 e 144 (e suas filiaes).

ESTOFOS, MOVEIS E TAPETES

Deposito de capachos de côco e pita

Carvalho & Figueiredo

409, Rua do Sá da Bandeira, 409

(PARTE NOVA)

Em frente ao Bolhão

▶▶▶ PORTO ◀◀◀

**EMPRESA NACIONAL
DE NAVEGAÇÃO**PARA A COSTA
OCCIDENTAL D'AFRICA

Saídas em 7 de cada mez:

Para a Madeira, S. Vicente, S. Thiago, Príncipe, S. Thomé, Landana, Cabinda, Ambriz, Loanda, Novo Redondo, Benguella, Mossamedes e para S. Antão, S. Nicolau, Sal, Boavista, Maio, Fogo, Brava, Bolama e Bissau; com baldeação em S. Vicente.

Saídas em 22 de cada mez:

Para S. Thiago, Príncipe, S. Thomé, Cabinda, S. Antonio do Zaire, Ambri-zette, Ambriz, Loanda, Novo Redondo, Benguella, Mossamedes, Bahia dos Tigres e Caboandel; para Fogo, Brava, Maio, Boavista, Sal, S. Nicolau, S. Antão e S. Vicente, com baldeação em S. Thiago.

Para carga e passagens trata-se no escriptorio da Empresa

RUA DO COMMERCIO, 85 - LISBOA

Magalhães & Moniz, L.^{da} LIVRARIA EDITORA

Depositarios da Imprensa Nacional

Venda de livros nacionaes e estrangeiros de ensino, arte, sciencia e lettras.

Agencia de assignatura para todos os jornaes e publicações.

Correspondentes em todo o mundo.

CASA FUNDADA EM 1863

II, Largo dos Loyos, 14 - PORTO

**COMPANHIA DO GAZ
DO PORTO**

Distribuição de Coke a domicilio

Por cada 15 kilos (uma arroba) 200 reis
 Por cada 600 kilos (um carro). 85000 reis

Posto em casa do consumidor, dentro da area da cidade do Porto.

PESO GARANTIDO;

SATISFAZEM-SE PROMPTAMENTE

todos os pedidos de Coke que lhe forem feitos ou por meio do correio, ou em requisição verbal nos seus escriptorios da Praça Carlos Alberto, 71, ou na fabrica, no Ouro.

CimentosNACIONAES
E ESTRANGEIROS

FOR GROSSO

Vantagens excepcionaes para grandes fornecimentos
e contractos annuaes, etc.**J. WIMMER & C.^a**
LISBOACOMPAGNIES
DE NAVIGATION

SUD-ATLANTIQUE

Linha postal. Para Rio de Janeiro, Monteviden e Buenos Ayres, com escala por Dakar A 8 de Abril o paquete *Valldia*.A 22 de Abril o paquete *La Gascogne*.**Linhas commerciaes.** Para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Monteviden e Buenos Ayres, com escala por Dakar.A 16 de Abril o paquete *Sequana*.

Para Pernambuco, Rio de Janeiro, Santos, Monteviden e Buenos Ayres.

K. H. Lloyd (Mala Real Holandea)

Para Rio de Janeiro, Santos, Monteviden e Buenos Ayres.

A 7 de Abril o paquete *Hollandia*.A 28 de abril o paquete *Frisia*.

Para Vigo, Boulogne, Paris, Dover, Londres e Amsterdam.

A 9 de Abril o paquete *Frisia*.A 29 de Abril o paquete *Zealandia*.**Linha Cyp. Fabre & C.^o**

Para Providence e New-York, e mais cidades dos E. Unidos da America do Norte com escala por S. Miguel, Terceira e Fayal. A 26 de Abril o paquete *Roma*. A 5 de Abril o paquete *Germania*.

Preço das passagens em 3.^a classe para New-York, Boston, New-Bedford, etc., quarenta e dois mil reis e para S. Francisco da California, Libras 22-0-10.

Para *Marselha*. A 11 de Abril o paquete *Roma*.

Para carga e passagens e mais esclarecimentos trata-se com

OREY ANTUNES & C.^o

NO PORTO

Largo de S. Domingos, 62-1.^o

EM LISBOA

Praça Duque da Terceira, 4.

Recommendamos as excellentes e magnificas PENNAS

D. CARLOS I e D. MANOEL II

em bonitas caixas com artisticas photographias de Suas Magestades

Fabricação exclusiva

dos fabricantes inglezes

D. LEONART & C.^o

Vendem-se nas boas papelarias de Portugal.

Dr. M. Forbes CostaCIRURGIÃO DOS HOSPITAES
Antigo assistente das clinicas de Paris,
Berlim, Londres e ViennaDoenças genito-urinarias,
venereas e syphiliticas

Diagnostico e tratamento da syphillis pelos processos mais modernos, especialmente pelo salvarsan (606) e neo-salvarsan.

Praça da Liberdade, 124-1.^o

DAS 9 ÁS 5 HORAS

Telephone, 143

COMPANHIAS DE SEGUROS

La Union y el Fenix Español
de Madrid

Union Maritime de Paris

Mannheim de Manheim

Seguros sobre a vida, incendio, explosão de ga^s, de machinas, raio, rendas em caso de incendio, maritimos postaes e transportes de qualquer natureza.

LIMA MAYER & C.^aR. da Prata, 59-1.^o - LISBOA